

Como as gerações futuras vão olhar nossos rastros midiáticos?

How will future generations view our media footprints?

¿Cómo percibirán las futuras generaciones nuestra presencia en los medios de comunicación?

Denise TAVARES¹

Larissa MORAIS²

Pedro Henrique C. dos SANTOS³

Walcéa B. ALVES⁴

Resumo

Às vésperas de um pleito eleitoral que vai definir os rumos dos próximos quatro anos do Brasil, o cenário é de incertezas e inquietudes, justamente porque a percepção que circula pela mídia, seja pelas pesquisas divulgadas, seja pelas análises feitas, acentua a percepção de *dèjà vu*. Um diagnóstico que guarda, já sabemos, inúmeros desafios para a sociedade como um todo e, particularmente, à Comunicação, reconhecida hoje em seu papel estruturante das relações sociais. A situação, no entanto, não pode impor paralisias. Por isso mesmo, essa edição da Revista Mídia e Cotidiano se organiza, também, por uma questão que é implícita aos textos aqui publicados: não esquecer que temos o dever de deixar às gerações futuras nossos diagnósticos, reflexões e propostas para uma Comunicação inclusiva, cidadã e ética, e que foca suas pesquisas nos temas centrais da onipresença midiática hoje.

Palavras-chave: Comunicação; Rastros Midiáticos; Mídia e Futuro.

¹ Doutora em Integração Latino-Americana (USP). Professora Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFF). Bolsista em Produtividade em Pesquisa CNPq (PQ-C). E-mail: denisetavares51@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5692-7356>

² Doutora em Comunicação pela UFF, professora do curso de Jornalismo da UFF e do Programa de Pós-graduação e Mídia e Cotidiano. E-mail: larissamoraes@id.uff.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6906-1635>

³ Doutor em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Realiza estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (PPGMC/UFF). E-mail: pedrohenrique.cdossantos@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2921-9861>.

⁴ Doutora em Educação (UFF). Professora Associada da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: walceaalves@id.uff.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8294-917X>.



Abstract

On the eve of an election that will determine Brazil's course for the next four years, the landscape is one of uncertainty and unease—precisely because the prevailing media narrative, shaped by both published polls and expert analyses, fosters a sense of *déjà vu*. This situation presents—as we know—countless challenges for society as a whole and, specifically, for the field of Communication, which is recognized today for its foundational role in social relations. However, this situation must not lead to paralysis. For this reason, this edition of **Revista Mídia e Cotidiano** is guided by a principle implicit in the texts published here: the duty to leave future generations our diagnoses, reflections, and proposals for a form of communication that is inclusive, ethical, and grounded in citizenship—one that focuses its research on the central themes of today's ubiquitous media landscape.

Keywords: Communication; Media Traces; Media and the Future.

Resumen

En vísperas de unas elecciones que definirán el rumbo de los próximos cuatro años de Brasil, el panorama es de incertidumbre e inquietud, precisamente porque la percepción que circula en los medios, ya sea a través de encuestas o análisis publicados, acentúa la sensación de *déjà vu*. Un diagnóstico que, como sabemos, plantea numerosos retos para la sociedad en su conjunto y, en particular, para la Comunicación, reconocida hoy por su papel estructurador en las relaciones sociales. Sin embargo, la situación no puede paralizarnos. Por ello, esta edición de la revista «Medios y Vida Cotidiana» se organiza en torno a una pregunta implícita en los textos aquí publicados: no olvidar que tenemos el deber de legar a las futuras generaciones nuestros diagnósticos, reflexiones y propuestas para una Comunicación inclusiva, cívica y ética, que centre su investigación en los temas centrales de la omnipresencia mediática actual.

Palabras clave: Comunicación; Rastros de Medios; Medios y Futuro.

Introdução

Colocar no ar essa edição da Revista Mídia e Cotidiano há poucos dias da votação que vai indicar quais forças e projetos políticos estarão à frente do país nos próximos quatro anos não foi simples, nem fácil. Primeiro, porque, até o momento, o circuito midiático divulga um empate técnico que aponta, mais uma vez, uma aparente polarização política: de um lado, o representante da extrema-direita e, do outro, um projeto que reconquistou a presidência do Brasil em 2022, ao custo de um acordo definido como “frente ampla” contra o “bolsonarismo”. Em outros termos, vivenciamos, profundamente, um sentimento de *déjà vu* que muito contribui para acionar velhas e novas interrogações.



Traduzir esse contexto por sínteses pouco ajuda a analisar ou compreender o que tem impedido avanços que, de fato, transformem essa realidade que asfixia e obscurece os horizontes da renovação social, econômica, cultural, política e científica em que o Brasil estaria mergulhado. Isso se concordarmos com muitas análises apocalípticas, dignas de posicionamentos comprometidos da chamada grande mídia. E, pior: para além dela, no circuito mais devastador das redes sociais digitais, sobram informações falsas, acusações mal ajambradas e mentiras de todos os níveis como táticas vitais da campanha que assume o “vale tudo”, caminho claramente abraçado pelos ativistas da extrema-direita. Ou seja, se por um lado continuamos perpetuando o mote da democracia como a única possibilidade atual de vida em comum, por outro há clareza suficiente quanto aos limites atuais desse sistema de governo, incapaz de evidenciar claramente seus rumos, permitindo significativa opacidade do momento em que estamos hoje.

Em política, como em todo assunto que vale a pena, há sempre algo que permanece incompreendido. Tudo agora é quase idêntico ao que vimos no cenário brasileiro, estamos diante da mesma eleição travada outras vezes, a mesma eleição que nos incendiou há oito e há quatro anos, que exigiu de nós a máxima verve e o máximo empenho. E, no entanto, há algo de diferente, uma mudez maior espalhada por toda parte, uma apatia que não se confunde com indiferença, a entrega a um desfecho que parece além do nosso alcance, que nos transcende. E assim a data fatal se aproxima e tudo segue com alguma discrição, imprevisível e incerto. (Fuks, 2026, s/p)

Enfim, independente da possível variação de graus de concordância em relação ao diagnóstico de Julián Fuks, o fato é que a opção por publicar essa edição, significa, antes de tudo, continuar assumindo que a Pesquisa em Comunicação tem um papel relevante e cumulativo nessa sociedade estruturalmente midiaticizada, por mais instável que ela esteja. É sob essa perspectiva primeira que este último número de 2026 da Revista Mídia e Cotidiano, se tece. Trata-se, portanto, de reconhecer o que nos cabe como campo de conhecimento, não nos deixando paralisar pelas condições igualmente incertas e inquietante que nos atravessam. Em outros termos, significa se questionar sobre como seguir contribuindo para as transformações sociais que nos pautam desde sempre, se os caminhos que consideramos éticos, responsáveis e urgentes para a Comunicação não estiverem mais integrados às prioridades do próximo governo do país. E aqui estamos falando de luta contra a desinformação, do investimento em legislação que regule as *Big Techs*, dos limites claros quanto ao uso e recursos destinados ao desenvolvimento da Inteligência Artificial, além dos desafios de propor



uma comunicação que integre pessoas de diferentes marcadores sociais e outros temas que reconhecemos como vitais à existência de processos midiáticos que fomentem cultura cidadã e igualdade social.

Esse é, portanto, o arcabouço que organizou, mais uma vez, a edição da RMC. Iniciamos com o artigo de Afonso de Albuquerque que estendeu um olhar mais longo ao passado ao propor que se deve reconhecer no conceito de companhias-Estado, criado para descrever o papel da Companhia das Índias Orientais (CIE) no processo colonial empreendido pelos britânicos na Ásia, uma lógica semelhante ao modelo de negócios assumido pelas plataformas digitais. Para o autor, assim como o estímulo ao consumo viciante do ópio foi central para o sucesso da CIE, o mesmo procedimento tem sido produzido por estas gigantes da tecnologia digital, que promovem o engajamento de seus usuários a partir da distribuição de conteúdos tóxicos e adictivos. No artigo, intitulado “*O Cartel de Los Metas: Plataformas, Imperialismo e Narco-Estado*”, Albuquerque foca a empresa Meta, destacando, especialmente, sua atuação no Brasil, buscando, com essa abordagem, propor um novo e original ângulo de análise das plataformas de mídias sociais.

O segundo texto traz um olhar para o jornalismo a partir do campo das ciências sociais. *Em Espetacularização da notícia e judicialização da política: A atuação do STF e a cobertura jornalística do julgamento do mensalão*, Wendell Ficher Teixeira Assis e Anabelle Santos Lages analisam a politização do direito e a espetacularização das notícias no Brasil, destacando o papel central da mídia como um “quarto poder” que influencia o destino da democracia. Ao analisar a cobertura do mensalão realizada pela Veja e a autorrepresentação dos ministros do STF difundida pela TV Justiça, a dupla chegou à conclusão que a revista utilizou uma construção discursiva que pressionou a atuação do STF e produziu efeitos de real e no real.

O artigo *Identities, estereótipos e risadas: as representações da masculinidade negra de Latrell Spencer no filme ‘As Branqueiras’ (2004)* apresenta, mediante análise fílmica, uma relevante problematização sobre o modo como obras cinematográficas do gênero comédia podem veicular representações e cristalizar estereótipos que alargam processos de discriminação e inferiorização da população negra, demarcando interesses de classes. A análise intersecciona temas como o patriarcalismo, a erotização e a “exotização” dos corpos e do comportamento do homem negro, abordando criticamente o imaginário construído acerca de sua animalização e periculosidade, assim como à objetificação do corpo feminino negro,



como elementos intrínsecos à opressão racista. O manuscrito nos alerta para os rastros midiáticos naturalizadores de desigualdades e violências que certas perspectivas podem deixar, os quais devemos, sem descanso, pôr em evidência de modo crítico, reafirmando politicamente nosso posicionamento contra toda e qualquer forma de subjugação.

Adriana Santana, Bárbara Santos Sarinho e Pedro Albuquerque Tomaz de Aquino visibilizam a questão da permanência da lógica escravista presente na lógica de trabalho doméstico de mulheres negras dentro da imprensa brasileira. Em “*Quase da família*”: *permanências da lógica escravista na imprensa brasileira, da Abolição à PEC das Domésticas*, a imprensa é questionada através de seu lugar de “circulação de memórias sociais”, considerando as mobilizações jornalísticas a respeito de dois momentos históricos: a abolição da escravidão no Brasil e a PEC das Domésticas. De acordo com Carvalho e Gonçalves (2023), 61% das domésticas brasileiras são mulheres negras, reflexo de uma posição de trabalho ocupada desde o período de escravização das pessoas negras vindas de África. No artigo de Santana, Sarinho e Aquino, sua principal contribuição aparece na forma como há uma atualização nas formas das relações de poder perpetuadas, principalmente na recorrência do silenciamento das pessoas envolvidas em ambos os marcos históricos: mulheres negras.

A política também se torna visível a partir de questões comportamentais, como como mostra o artigo *Revolução grisalha nas mídias sociais: grupos do Facebook Brasil*, de Bárbara Santos Aires e Andrea Lopes. As autoras analisam o movimento social denominado “revolução grisalha”, composto por mulheres de diversas idades que assumem os cabelos brancos e grisalhos como um ato de libertação de padrões estéticos e práticas opressoras da autenticidade. A pesquisa da dupla apresenta o levantamento, mapeamento e caracterização dos grupos do Facebook Brasil destinados às mulheres de cabelo branco, e enfatiza a importância desses espaços para socialização e identidade das grisalhas, bem como para fortalecer o movimento analisado.

No texto seguinte, *A desinfluência além do ativismo: um recurso de credibilidade*, Leticia Cantarela Matheus reflete sobre a “desinfluência” (quer dizer, a influência para que não se consuma algo) como parte do repertório criativo de influenciadores digitais. Num esforço para ir além da concepção de ativismo anticonsumo, a autora desenvolve a hipótese de que a “desinfluência” se tornou um recurso na construção de credibilidade em uma fase avançada de profissionalização do



mercado de influência. Para ilustrar essa proposta, apresenta um conjunto de doze vídeos do nicho de decoração, no YouTube, para tentar ampliar a visão sobre “desinfluência” e entender os processos criativos que dão origem a novos gêneros nas plataformas.

Em se tratando das possibilidades de proporcionar alívios através da ressignificação de termos que reforçam posições conservadores, em *Entre o armário e hashtag: meme parceirão de jornada e humor digital*, Tiago Augusto Rodrigues e Viviane Melo de Mendonça trazem as possibilidades do humor como apropriação de um enunciado problemático. No artigo, tecem reflexões a respeito do meme “parceirão de jornada” em uma fala do, então, governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, que entre a eufemização e afirmação do lugar de sua sexualidade, uma vez que apesar de ser assumidamente uma pessoa de sexualidade dissidente, é pertencente de um grupo político que não concorda com a expressão de sua existência. Conforme indicado pelos autores, ao atenuar a nomeação direta de sua sexualidade, o público se mobilizou em práticas de ressignificação e remixagem que buscaram, através do humor, tensionar o lugar de aceitabilidade almejada pelo político, dentro das contradições em que está inserido.

O jornalismo aparece novamente objeto de reflexão no artigo “*Obsessão pela inovação*”: o discurso de O Globo sobre inovação jornalística no seu centenário, em que João Pedro Malar e Eun Yung Park analisam como o jornal carioca tratou do conceito de inovação no caderno especial que publicou em julho de 2025 para celebrar seu centésimo aniversário. Por meio da análise do discurso, os autores procuraram compreender como a inovação é articulada às ideias de *ethos* discursivo e contrato comunicacional, em cinco textos selecionados. A pesquisa indica que *O Globo* busca atualizar sua imagem e se colocar como historicamente inovador, constantemente em atualização e capaz de conciliar a inovação com o respeito aos valores jornalísticos. Há uma priorização da inovação tecnológica, com uma visão acrítica que omite outras formas de inovação possíveis para o jornalismo.

Em seguida, vem o texto *Intercom como lente do seu tempo: interconexões temáticas da primeira e da última década*, no qual Davi Alexandre Schoenardie e Marcio Giusti Trevisol sistematizam os principais temas tratados pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, nos seus primeiros dez anos de existência (1978-1988), em contraste com o período mais atual (2012-2022). Os resultados apontam que as temáticas refletem o sentido social do momento histórico



em que estão inseridas e que a sociedade científica contribui para a legitimação do campo da comunicação como memória viva de luta, resistência e subversão em suas discussões, ao longo tempo.

A Intercom aparece, novamente, no artigo *Estudos sobre mídia e deficiência e acessibilidade no Brasil: revisitando os anais da Intercom*, de Felipe Collar Berni e Guilherme Ferreira de Oliveira. Em uma proposta com fôlego, os autores se debruçaram em uma investigação baseada em uma revisão sistemática que levou em consideração 49 (quarenta e nove) trabalhos publicados nos anais do Congresso Brasileiro de Comunicação apresentados nos Grupos de Pesquisa “Comunicação para a Cidadania” e “Comunicação e Cidadania” (Intercom Júnior) para entender o lugar dos estudos de mídia, deficiência e acessibilidade. Sua principal contribuição está presente na compreensão dos caminhos traçados até aqui no que diz respeito às principais questões levantadas, entre elas a perspectiva interseccional e denúncias do capacitismo, além da mobilização em prol de pessoas com deficiência.

No último artigo, Célia Regina de Carvalho apresenta *Análise das percepções de adolescentes sobre cidadania digital e o papel da escola*, como reflexões sobre os desafios do ambiente digital e as possibilidades de enfrentá-los, considerando a relação de jovens de escolas públicas do interior do interior o Mato Grosso do Sul com a cidadania digital. Os participantes associam esses desafios ao bem-estar, à segurança e às relações interpessoais, propondo formas de enfrentamento que incluem moderação do uso, busca de apoio e orientação. Os resultados sugerem a relevância de uma formação para a cidadania digital que articule o reconhecimento de riscos à compreensão de direitos, deveres e possibilidades de participação.

E, caminhando para o fechamento dessa edição, trazemos duas entrevistas realizadas a partir de duas situações emblemáticas: lançamento de um livro que já chega ao mercado como leitura obrigatória do campo do jornalismo (*Eles não querem que você saiba: armadilhas da desinformação*, de Sylvia Moretzsohn) e o marco de dez anos da Associação Brasileira de Comunicação Pública (ABCPública). Na primeira entrevista, Sylvia reflete sobre questões como irracionalidade, inteligência artificial e a crescente influência das *big techs* sobre o ecossistema informativo internacional, e alerta para a necessidade de luta contra a engrenagem de desinformação capitaneada por essas empresas. O título da entrevista é também uma das principais mensagens da conversa “O combate à desinformação promovida pelas *big techs* é a principal luta



política de nosso tempo”. A entrevista, conduzida pela editora Larissa Moraes, é fruto de questões apresentadas também por alunos do Programa de Pós-graduação de Mídia e Cotidiano, numa palestra de Sylvia.

Quanto à segunda entrevista, Jorge Duarte, olhando a trajetória da Comunicação Pública no Brasil, reconhece que houve avanços, no entanto, ao problematizar esse campo de atuação dos profissionais da Comunicação, considera que os riscos ainda são muito significativos. Para ele, ainda persiste na comunicação pública brasileira, processos que revelam a permanência do personalismo político, do uso da máquina pública – em especial, nos períodos eleitorais – e outras disfuncionalidade que têm que ser enfrentadas. Para ele, o horizonte da comunicação pública que se organize e exista realmente em função de cidadãos, é o que deve mobilizar não só a entidade, mas todos e todas que localizam a relevância deste tipo de comunicação. A entrevista foi realizada pelo doutorando do PPGMC, Victor Henrique Justino França, que não só localiza a importância de Jorge Duarte, como aponta questões essenciais que envolvem a Comunicação Pública no país.

Já neste que é o último texto dessa edição, intitulado: “*Do olho vertical ao sensorium sociotécnico: drones, estética e comunidades*”, temos a resenha crítica de Thiago Moraes acerca do livro “*The Sensorium of the Drone and Communities*”, de Kathrin Maurer. O autor, com assertividade e sobriedade, apresenta a relevante contribuição da obra sobre a perspectiva do drone como máquina cultural de sensoriamento, que produz mundo simbólico, organizando experiências sensoriais e ressitando modos de pertencimento coletivo e criação de comunidade, numa nova aplicação do conceito. Por outro lado, apresenta tensionamentos críticos sobre os achados e as vulnerabilidades das proposições teórico-epistemológicas desenvolvidas. Sem dúvida, o texto nos leva a um lugar incomum e nos provoca à leitura da obra completa, abrindo um novo leque de curiosidade epistêmica.

E assim, encerramos o ano de 2026. Que as discussões, debates e reflexões apresentadas pelos artigos e entrevistas dialoguem com as múltiplas e fecundas pesquisas da área. Boa leitura!



Referências

CARVALHO, Mônica Gurjão; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. Trabalho doméstico remunerado e resistência: interseccionando raça, gênero e classe. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, p. e249090, 2023. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pcp/a/XrGcRjVwVLtsDbfNmDqXrPQ/?lang=pt>. Acesso em: 28 set. 2026.

FUKS, Julián. O bolsonarismo agora mais silencioso, mas tão nocivo quanto foi uma vez.

ECO/A/UOL, 19 set. 2026. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/columnas/julian-fuks/2026/09/19/o-bolsonarismo-agora-e-mais-silencioso-mas-tao-nocivo-quanto-foi-uma-vez.htm>. Acesso em: 28 set. 2026.

.



Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.